

**Memórias das lutas pela liberdade:
Ipanema da contracultura ao movimento anti-homofobia.**

Fabio Pessanha Bila *

Resumo: Nosso trabalho pretende mostrar a praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, através de sua história como locus privilegiado de movimentos libertários iniciados nos anos 60 e existentes ainda hoje. Nos anos 60 o movimento da contracultura foi traduzido em atitudes ousadas e contestadoras à ditadura militar e aos padrões morais cultuados pela sociedade a época. A emblemática figura de Leila Diniz, pode ser tomada como exemplo, pois foi uma mulher transgressora. Reivindicava ser independente e que desprezava o ideário de mulher burguesa e os valores cultuados pela sociedade como sendo apropriados ao sexo feminino. O lugar que abrigou, também, os hippies que pregavam um estilo de vida flower power. O lema cultuado em mais conhecido pelos frequentadores da praia de Ipanema, nesse período, era: “É proibido proibir”. Nos dias atuais, no trecho da praia de Ipanema, entre as ruas Farma de Amoedo e Teixeira de Mello, é frequente o hasteamento da bandeira do arco-iris – símbolo do movimento gay -, e também gestos e atitudes denunciadores da condição homossexual. Isso nos possibilita refletir acerca desse comportamento enquanto postura política que busca impor valores e condutas afirmativas da cidadania homossexual em uma sociedade de maioria heterossexual com visíveis práticas homofóbicas. Por isso, cabe-nos pensar a praia Ipanema como possuidora de uma áurea simbólica de liberdade, de vanguarda e da contracultura ainda hoje.

Palavras-Chave: Ipanema – Homossexualidade - Liberdade

Résumé : Notre travail vise à montrer la plage d'Ipanema, à Rio de Janeiro, par le biais de son histoire en tant que lieu privilégié de mouvements libertaires commencés dans les années 60, et existant encore aujourd'hui. Dans les années 60, le contre-mouvement a été traduit par des attitudes audacieuses et contestataires à la dictature militaire et aux normes morales de la société de l'époque. Aux jours actuels, entre les rues Farma de Amoedo et Teixeira de Mello, c'est fréquent la levée du drapeau de l'arc-en-ciel - symbole du mouvement gay - et aussi des gestes et des attitudes dénonciateurs de la condition homosexuelle. Cela nous permet de réfléchir sur ce comportement comme une position politique qui tente d'imposer des valeurs et des conduites positives sur la citoyenneté homosexuelle dans une société majoritairement hétérosexuelle avec des visibles attitudes homophobiques. Par conséquent, nous devons penser à la plage d'Ipanema comme un lieu symbole de liberté, d'avant-garde et de contre-mouvement encore aujourd'hui.

Monts Clé: Ipanema – homosexuel – Liberté

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro UENF e Professor de Sociologia da Faculdade de Ilhéus – BA.

Nosso trabalho pretende mostrar a praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, através de sua história como lócus privilegiado de movimentos libertários iniciados nos anos 60 e existentes ainda hoje.¹

O bairro de Ipanema está localizado, geograficamente, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e faz fronteira com os bairros de Copacabana, Leblon e Lagoa e possui 1,67 Km². O bairro foi fundado em 1894. A origem do nome do seu possui duas versões. A primeira sustenta que foram os índios que cunharam o nome Ipanema, que significa “água ruim”. A segunda versão é a de que o bairro foi batizado com o referido nome para homenagear o seu fundador, o Barão de Ipanema, José Antônio Moreira filho, que nasceu na pequena cidade de Ipanema no Estado de Minas Gerais, proprietário de terras em Copacabana e adjacências. Este resolveu expandir seus negócios imobiliários, que já englobavam vastas áreas de terra em Copacabana. Decidiu, então, fundar um novo loteamento chamado à época Villa de Ipanema.(RIO DE JANEIRO et FRAIHA, 1998)

Até, os anos de 1940, Ipanema era um areal quase desabitado e sossegado, por ser considerada muito distante do centro do Rio. O bairro ficou a margem do processo de modernização, que o centro do Rio de Janeiro, vivenciou no início do século XX. Após os anos de 1960, o bairro, passou por um significativo crescimento demográfico. Isto no mesmo período, em que, o auge de Copacabana já parecia estar ameaçado. Ipanema era percebida durante os anos 50 e 60 como o bairro onde, ainda, era possível se refugiar da vida urbana. Localizada entre o Atlântico e a Lagoa Rodrigo de Freitas esse lugar possibilitava aos seus freqüentadores e moradores arejar suas mentes, como recordou Tom Jobim:

Ipanema era muito bonita. O mar uma coisa linda, com água limpa, azul, transparente, os peixes passando... As vezes, a gente ia a pé até o Arpoador e ficava naquelas pedras vendo os peixes passarem. (...) A lagoa era azul. Com maré de seis em seis horas, a água do mar entrava na lagoa. A praia lá era de areia branca, grossa, com conchas grande. (PEIXOTO, 1994)

Essa característica de bairro bucólico contribuiu para a construção de uma aura *ipanemense*, ou seja, um tipo de carioca que privilegia a conversa, a boemia, e que sempre teve como quintal as ruas e as praias. O significado de ser *ipanemense* não se restringe, apenas, ao fato de se ter nascido no bairro, mas possuir e compartilhar as características que são próprias desse local. Nesse sentido, a categoria de *ipanemense* pode ser pensada como um adjetivo que qualifica pessoas de acordo com os seus comportamentos, especificamente ligados à boemia, ao despojamento, à vanguarda, à contracultura e à liberdade. Com isso, não

¹ Este artigo é resultado de uma primeira análise dos dados coligidos para minha dissertação de mestrado.

há necessariamente uma vinculação entre morar no bairro e compartilhar desse ideal ipanemense. O espírito ipanemense, se assim podemos chamar, foi intensificado por artistas, poetas e intelectuais que freqüentavam o Arpoador. Em 1950 foi realizado o primeiro campeonato de surfe brasileiro, neste local. Um ano depois, nesse mesmo espaço, se inaugurou o uso do biquíni.

Nos anos de 1950 e 1960, Ipanema estava pronta para se tornar o sonho de consumo residencial da classe média alta carioca. O antigo casario do bairro cedeu lugar aos prédios residenciais. Novos estabelecimentos comerciais se instalaram no bairro. Surgiram o Cine Pax (1953) e o Teatro de Bolso, mais tarde Cine Theatro Poeira, criado por Silveira Sampaio. Em fins dos anos 50 se tornou famoso o bar Mau Cheiro, (possuía esse nome porque os pescadores limpavam o peixe na sua porta e era freqüentado inicialmente por motoristas de ônibus), localizado na esquina de Rainha Elizabeth com Vieira Souto e freqüentado pelo pessoal do Cinema Novo e da Bossa Nova na década seguinte, transformando-se em reduto da boemia e da intelectualidade carioca. Os bares tinham uma importância singular para os artistas de Ipanema como demonstra a matéria publicada na seção Ipanema Cultural do Caderno Zona Sul, *Quando os bares eram os melhores fóruns de debate*. Era nos bares que se reuniam aqueles que virariam mitos das gerações seguintes, e que fizeram nascer uma nova Ipanema a partir dos movimentos nascidos em mesas de bar. *Crias dessa geração foram a Bossa Nova e o Cinema Novo.*² A matéria destacou, ainda, que:

O Cinema Novo teve em Ipanema mais sua origem do que seu destino. A idéia na cabeça de expoentes como Glauber Rocha, Mario Carneiro, Saraceni e Ruy Guerra, desenvolveu-se nos redutos da turma – o Zeppelin e o Mau Cheiro – mas a câmera na mão voltou-se para o sertão, o Nordeste e outros cenários longe da brisa do Posto 9. (CASTRO, 1999:38)

Nos anos de 1960, o bairro ficou conhecido mundialmente como vanguardista e por seu jeito próprio de ser. Nessa época, Tom Jobim e Vinicius de Moraes contribuíram para mitificar a cultura do bairro de Ipanema como vocacionada para a liberdade e para a contracultura. A ligação entre Bossa Nova e Ipanema parecia estar relacionada ao bar do Veloso. Neste bar foi criada, Garota de Ipanema, a mais importante música, desse estilo musical. Essa canção está entre as mais tocadas do mundo. Segundo, Tom Jobim e Vinicius de Moraes a inspiração para compor a letra da música veio de Helô Pinheiro e do bar Veloso.

O Arpoador era o lugar da juventude e da vanguarda e com pessoas irreverentes e independentes como Leila Diniz. Ruy Castro, considera que as mulheres que freqüentavam o

² Caderno Zona Sul - “Ipanema, 110 anos na vanguarda” (O Globo, 22/04/2004) p. 35

Arpoador transgrediam os papéis sociais de gênero. A mulher de Ipanema, segundo Castro, era aquela que desprezava o ideário de mulher burguesa e os valores cultuados pela sociedade como apropriados ao sexo feminino. Para o autor: *as mulheres de Ipanema tinham desprezo por conceitos como virgindade, casamento burguês, fritar bolinhos, monogamia e maridinho-provedor-do-lar. Elas estudavam, trabalhavam, moravam sozinhas, namoravam quem quisessem e não davam satisfações. Nada que fizessem era chocante em Ipanema.* (CASTRO, 1999). Dentro da idéia de mulher transgressora, Castro, fez uma associação do bairro com a liberdade, a modernidade e o avanço.

Ipanema, nos fins dos anos de 1960, era palco do Tropicalismo, do Cinema Novo, do Jornal de Ipanema, do Pasquim, da Petite Galerie, do Teatro de Ipanema, das primeiras pranchas de surf, das grifes famosas, da H. Stern Joalheiros, da Mariazinha, da Bibba, da Smuggler e da Feira Hippie que consolidavam a aura do bairro como sendo da liberdade, da contracultura e da moda. Durante o período da ditadura militar em seu momento mais truculento, ou seja, após a edição do AI-5, em 1967, Ipanema não arrefeceu e reagiu como, descreveu Ruy Castro: contra as balas, a poesia; contra a tortura, a literatura; contra a repressão, a boemia; contra a farda, o estilo flower power; e, contra as trevas, o pôr-do-sol. Assim, Ipanema é pensada como o lugar que representa a arte brasileira nos anos de 1960 é “(...) o local que viu nascer a geração bossa nova e o cinema novo” (Caderno Zona Sul, p.34), “(...) endereço que resume a produção cultural brasileira nos anos 60” (Caderno Zona Sul, p.34) ou “(...) gueto de intelectuais, artistas, gente de literatura, cinema, música” (Veja Rio, p.12). A arte desenvolvida em Ipanema pode ser interpretada como um estilo popular-erudito.

Nos anos 70 o movimento da contracultura foi traduzido em atitudes ousadas e contestadoras à ditadura militar e aos padrões morais cultuados pela sociedade da época. A emblemática figura de Leila Diniz, pode ser tomada como exemplo, pois foi uma mulher transgressora. Reivindicava ser independente e desprezava o ideário de mulher burguesa, e os valores cultuados pela sociedade como sendo apropriados ao sexo feminino. Ipanema também abrigou os hippies que pregavam um estilo de vida conhecido como *flower power*. O lema mais cultuado pelos freqüentadores da praia de Ipanema, nesse período, era: “É proibido proibir”.

Os integrantes da contracultura se reuniam no chamado, ‘postinho’ ou Píer, entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo. Em 1971, este mesmo trecho ficou conhecido como Dunas do Barato ou Dunas da Gal. Nesse local foi construído uma grande armação de ferro que avançava cerca de 200 metros mar a dentro, com o objetivo de instalar o emissário

submarino. Essa estrutura metálica ficou conhecida como *pier* onde conviviam surfistas, intelectuais e artistas, o tropicalismo e a modernidade, a contracultura e a vanguarda como descreve Ruy Catro:

O Pier tornou-se a praia hippie de Ipanema, um grande *underground* a céu aberto, o epicentro do *desbunde* – e, como tal, freqüentado por gente de todo tipo, muitos sem nenhuma intimidade com a areia. Rose di Primo acabara de lançar ali a tanga, mas a moda no Pier eram as saias longas com o umbigo de fora e as batas indianas. Havia também quem circulasse vestido de calça saint-tropez, macacões e até ponchos. Sob um sol de quarenta graus, raros caíam n'água. Não se raspavam as axilas – muitas moças orgulhavam-se de seus triunfais chumaços. As pessoas se saudavam com beijos na boca (as mais radicais cumprimentavam os amigos empalmando-lhes firmemente os baixos meridianos). Não era uma praia, era uma atitude. (CASTRO, 1999)

Como Castro já observou, “(...) *tudo fazia parte da cultura (sorry – contracultura) do Pier*” (CASTRO, 1999), que teve repercussão até o ano de 1974 quando foi desmontada a estrutura metálica. Devido à repercussão nacional do Pier de Ipanema, como local da contracultura e da liberdade, um grande número de pessoas, das mais variadas partes do país, foi atraída para o local, com objetivo compartilhar dos valores cultivados no Pier.

Ruy Castro afirma que durante os anos 1960 até 1980 a moda no Brasil foi ditada por Ipanema, embora antes desse período Ipanema, ainda, buscasse estilo próprio por meio de butikues em Copacabana (então bairro no auge da vanguarda carioca) ou no Centro do referido Município. Era extremamente difícil possuir moda própria se no bairro não havia uma loja sequer voltada à moda, ou qualquer atividade neste segmento. Uma das butikues que mais teve repercussão por divulgar mensagens através da moda foi a *Bibba*, de José Luiz Itajahy, fundada em 1966. A loja vestiu personalidades como Dina Sfat e Leila Diniz. Foi também é palco de diversas festas irreverentes e manifestações em suas vitrines, com conteúdo ideológico-político. Ao lado das lojas, também foi destaque a participação de estilistas como Zuzu Angel com suas criações, também de conteúdo ideológico-político.

A chamada *feira hippie* ou *Feira de Arte (FEIRART)* da praça General Osório, começou em outubro de 1969, idealizada por Hugo Bidet, no Bar Jangadeiro. Nela expôs seus quadros ao ar livre, vendendo sua arte na praça. Após uma semana, com amigos e um aval da prefeitura, lançou o chamado *Arte na Praça*, identificando a si próprio e seus amigos como pintores, não como hippies. No entanto, estes últimos, gostaram da idéia e também, em pouco tempo, resolveram apresentar seus trabalhos artesanais. Durante os anos 70 o nome *Feira Hippie* se institucionalizou e, naquela década, o espaço ficou conhecido como a *flower power* brasileiro. Entretanto, alguns anos depois a feira se transformou em um mafuá, com pessoas que vendiam todo tipo de produtos, inclusive industrializados, como sendo artesanais. No

entanto, ela revelou alguns talentos importantes como o artista plástico Armando Romanelli, o designer de bolsas Victor Hugo e os criadores de moda Mauro Taubman, Gaspar Saldanha e Marco Rica, tendo, ainda, sido visitada por Calvin Klein.

Observamos que o ideário construído sobre Ipanema não se restringiu ao bairro, ou a cidade do Rio de Janeiro. Essa idéia de tipo ipanemense se vincula a dimensões simbólicas mais amplas do que seja ser carioca ou ser brasileiro, havendo, uma ligação desses sujeitos aos conceitos de moda, boemia, contracultura e liberdade:

A Praia de Ipanema, entre as pedras do Arpoador e o Jardim de Alá, sempre teve vocação para musa do Rio de Janeiro ... Agora, no alvorecer do século XXI, Ipanema ainda é a grande musa do litoral brasileiro. Com seus 110 anos de existência, parece guardar em seu âmago o segredo da eterna beleza e juventude. A sucursal do paraíso começa no Arpoador, trecho favorito dos surfistas com suas ondas perfeitas... O Palácio de Cristal reúne gays, lésbicas e simpatizantes. O nome é referência ao edifício espelhado que fica entre a Farne e a Teixeira de Melo, onde mora Caetano Veloso. No pedaço, pessoas do mesmo sexo andam de mãos dadas, beijam-se na boca, trocam carícias e juras. Sem medo de serem felizes. Na Vinícius de Moraes a praia se transforma em imensa quadra de esportes. É o reino dos craques de futebol. (...) O Posto Nove é o pouso dos intelectuais libertários, rebeldes sem causa, malucosbeleza, descolados em geral e maconheiros. Gente que ainda acredita nos princípios hippies dos anos 60; paz, amor e sexo livre. A Garcia D'Ávila é o paraíso dos adolescentes e reúne turmas de colégios e cursinhos de inglês. Uma juventude linda que está descobrindo a paquera, o namoro, a beleza da vida. No Country Club se reúnem os belos e belas do high ... A praia também é freqüentada por ídolos das artes marciais. A junção dessas tribos e turmas forma a praia de Ipanema e faz com que o bairro comece e termine onde as ondas acariciam a areia. Tribos e turmas que trazem em seu DNA a influência da Ipanema do passado, que já teve Arduíno Colassanti como seu primeiro surfista; Leila Diniz, Duda Cavalcanti, Marcia Rodrigues e Bianca Byington como musas; o Píer, a Montenegro, o Sol Ipanema e o Castelinho como pontos de referência. Em comum entre todos a paixão pelo mar e a certeza de que é um mergulho nas águas salgadas da Praia de Ipanema que concede ao cidadão do Rio a nobre qualidade de ser carioca.³

Dessa forma, identificamos que Ipanema possui uma história que lhe é própria e que teve repercussão em todo país e no mundo, como demonstramos anteriormente. Consideramos que a história, específica, desse lugar possibilitou, na atualidade, o trecho da praia que, durante os anos de 1971 a 1974, abrigou o Píer (ou as Dunas da Gal, ou ainda, Dunas do Barato) abrigue hoje um espaço que é freqüentado por homossexuais. Segundo o historiador americano James Green os homossexuais, desde a época do Píer, já eram freqüentadores desse local juntamente com as outras tribos. Tal coisa só foi possível pelo lema cultuado naquele período – “é proibido proibir” - compartilhado por todos os

³ Caderno H - “O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial” (Jornal do Brasil, 25/04/2004). P. 4.

freqüentadores desse ponto da praia, criando desde então um ambiente livre e sem preconceitos. Hoje a Rua Farme de Amoedo e o trecho da praia em frente a esta e a Teixeira de Mello são conhecidos como espaços voltados para o público LGBT que aí expressa livremente sua orientação sexual. Dessa forma, a Rua Farme de Amoedo, não é apenas um logradouro do Bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, mas também um local da expressão LGBT na cidade e no país.

No trecho da praia de Ipanema entre as ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Mello, são freqüentes o hasteamento da bandeira do arco-íris – símbolo do movimento gay -, e também os gestos e atitudes denunciadores da condição homossexual. Isso nos possibilita refletir acerca desse comportamento enquanto postura política que busca impor valores e condutas afirmativas da cidadania homossexual em uma sociedade de maioria heterossexual com visíveis práticas homofóbicas. Entretanto, indagamos se os freqüentadores vêem esse espaço como lócus da liberdade e com potencial político de afirmação gay. Realizamos entrevistas com os frequentadores desse espaço da praia de Ipanema com o intuito de responder essa questão.

Coligimos algumas falas, dos entrevistados, que demonstram a percepção dos homossexuais que utilizam esse espaço. Os respectivos depoimentos de Fernanda, Verônica, Márcia, Peixoto, Márcio, Alan, Leandro, Jorge e Peter⁴ ilustram a situação:

Para mim esse espaço representa liberdade.⁵

Um espaço de liberdade na nossa cidade. Onde eu moro, é mais próximo da Barra, o acesso é mais fácil. Para eu vir à Ipanema demora muito mais do que ir pra Barra, mas é aqui que me satisfaz.⁶

É o meu lugar. Porque eu me sinto a vontade de agir como eu quero. Poder segurar na mão da minha companheira beijar sem que ninguém fique me olhando torto ou esquisito. Acho que as pessoas ficam mais acostumadas a lidar com os homossexuais por verem as pessoas aqui na praia de mãos dadas e em bares, isso faz com a aceitação da diferença pela sociedade seja mais fácil.⁷

Um espaço nosso, onde não há preconceitos em que você pode expressar livremente sua sexualidade.⁸

Em público os homossexuais não se sentem livres para expor sua sexualidade. Aqui você tem essa liberdade, embora seja restrita a essa faixa de areia. Porém, isso seja uma forma de preconceito por nos restringimos a essa faixa de areia.⁹

⁴ Os nomes utilizados são fictícios.

⁵ Entrevista realizada no dia 20 de abril de 2008.

⁶ Entrevista realizada no dia 21 de abril de 2008.

⁷ Entrevista realizada no dia 07 de maio de 2008.

⁸ Entrevista concedida no dia 20 de maio de 2008.

⁹ Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2008.

Esse espaço é um espaço de liberdade de expressão, de contestação às normas sociais.¹⁰

Eu acho incrível! Você está em Ipanema próximo ao calçadão onde passa família e crianças e aqui têm casais homossexuais se beijando e vivendo de forma natural, que é natural é deve ser tida como tal.¹¹

A impressão é de que a diversidade aqui é aceita e de que as pessoas cada vez mais estão começando a respeitar e vendo que não é uma pouca vergonha ou qualquer coisa do tipo como a sociedade pensa, porque não é uma opção ninguém optou por isso, mas que agente é assim e vai viver assim. Eu acho incrível poder usar esse espaço e poder expressar livremente minha orientação sexual.¹²

Este trecho foi para mim, um espaço de vivências, de liberdade e construção de identidade. E acredito que para toda uma geração.¹³

Essas falas demonstram que o espaço da praia de Ipanema entre a Rua Farne de Amoedo e a Rua Teixeira de Mello é considerado, pelos seus freqüentadores, um lugar de liberdade e de afirmação pública da homossexualidade. Um importante aspecto desse espaço é a visibilidade pública conferida à homossexualidade, ou seja, às demandas dos gays e lésbicas que passam a fazer parte efetiva do espaço público (MACRAE, 2005). Dessa forma, o fato desses freqüentadores estarem presentes no referido trecho da praia de Ipanema pode ser interpretado como um ato político. Verificamos nas falas dos freqüentadores que a Praia Gay é pensada em um sentido social e político, pelo simples fato de estar na praia, possibilitando que, gradativamente, os mitos construídos socialmente acerca da homossexualidade que a considerava como maldição, pecado, anormalidade e doença sejam desconstruídos. O referido local ainda vislumbra que os gays e lésbicas demonstrem publicamente sua vivência, fazendo-se pensar a homossexualidade fora dos parâmetros heterossexistas e também se reafirmando os pressupostos básicos da homossexualidade como condição possível (SIMOES e FRANÇA, 2005; FARIAS, 2003).

Buscamos demonstrar que a aura simbólica, de liberdade, vanguarda e contracultura, da qual Ipanema foi portadora é resignificada no presente nos seus diversos pontos da praia. E consideramos que o trecho freqüentado pelos homossexuais é o que mais aproxima, atualmente, Ipanema dessa aura do passado por ser a homossexualidade, ainda, percebida como desvio, doença e anormalidade. Entretanto, devemos, agora, nos perguntar quem são esses homossexuais?

¹⁰ Entrevista concedida em 06 de junho de 2008.

¹¹ Entrevista realizada em 05 de setembro de 2008.

¹² Entrevista concedida no dia 20 de maio 2008.

¹³ Entrevista concedida no dia 05 de agosto de 2008.

Referências

Caderno H - “O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial” (Jornal do Brasil, 25/04/2004).

CASTRO, Rui. *Ela é Carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

FARIAS, Patrícia Silveira de. Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N. et TRINDADE, Ronaldo (orgs). *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo : Editora UNESP, 2005.

PEIXOTO, Mario, BARATA, Carlos Eduardo, GASPAR, Claudia Braga e ABREU, Marilúcia. *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro : Novo Quadro. 1994.

RIO DE JANEIRO. Bairros do Rio: Ipanema e Leblon. Rio de Janeiro: FRAIHA/Prefeitura do Rio – Secretaria Municipal de Cultura. 1998. Coordenação do Projeto: Silvia Fraiha. Tiza Lobo e Martha Ribas.

SIMÕES, Júlio et FRANÇA, Isadora Lins. Do ‘gueto’ ao mercado. In: GREEN, James N. et TRINDADE, Ronaldo (orgs). *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo : Editora UNESP, 2005.